

PUBLICAÇÕES DO CPL/PUCRS

Partenon Literário: poesia e prosa (antologia), de Regina Zilberman et alii. Porto Alegre: EST, 1980.

Flores do campo, de José Fialho Dutra. Porto Alegre: Pallotti, 1982.

Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul, de Maria Eunice Moreira. Porto Alegre: EST, 1982.

Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul, de Carlos Alexandre Baumgarten. Porto Alegre: EST, 1982.

Opalas, de Antônio da Fontoura Xavier. Porto Alegre: CPL, PUCRS, 1984.

Um dia todas essas coisas hão de ser história (antologia de textos farroupilhas). Porto Alegre: PUCRS, 1985.

Provincianas, de Bernardo Taveira Jr. Brasília: INL; Porto Alegre: Movimento, 1986.

Paisagens, de Apolinário Porto Alegre. Brasília: INL; Porto Alegre: Movimento, 1987.

O vaqueano, de Apolinário Porto Alegre. Brasília: INL; Porto Alegre: Movimento, 1987.

Recordações gaúchas, de Luís Araújo Filho. Porto Alegre: APLUB, CPL/PUCRS, 1987.

Da Abolição à República: a literatura conta a história (antologia). Porto Alegre: CPL/PUCRS, EDIPUCRS, 1989.

JOSÉ SARAMAGO: HISTÓRIA & ESTÓRIA

Volnyr Santos

PUCRS

"Lá vai o português, diz o mundo, quando diz, apontando umas criaturas carregadas de História que formigam à margem da Europa."

José Cardoso Pires

O caráter original que a História assume na obra de ficção de José Saramago talvez seja o aspecto mais importante de quantos possam ser evidenciados na leitura de seus romances. Tendo como centro de interesse uma preocupação que se identifica com os valores históricos do homem português, José Saramago escreve de modo a mostrar a História para muito além de um momento idealizado da vida portuguesa, convertendo-a em instrumento de análise de um passado que se abre para explicar o presente. Nesse sentido, Saramago vê a tradição não como algo exclusivamente *histórico*, já que esse dado, tratado ficcionalmente, passa a ser também *estético*, assimilando a lição já clássica de T. S. Eliot.

I

As relações existentes entre História e Literatura têm ocupado, de modo mais ou menos intenso, o interesse dos estudiosos, na medida em que essa ligação possibilita a textualização de uma memória que põe frente a frente o homem e o seu próprio tempo. História e Literatura, então, estariam situadas como formas de expressão nas quais, necessariamente, o homem acha-se presente, quer sob a perspectiva de agente de um fato concreto quer sob a forma de personagem de uma situação fictícia. Nesse jogo, a História, porque estruturada em relatos metódicos dos fatos mais importantes da vida dos povos e da própria humanidade, realiza-se sob a forma de conhecimento

que tem por base os fenômenos dinâmicos que se dão no tempo. A Literatura, apropriando-se dessa realidade, transforma-a em matéria estética, chegando a alterar esses mesmos fatos, sem que isso signifique necessariamente uma deturpação, já que, ao contrário do historiador, o artista trabalha com o imaginário.

II

A apropriação que a Literatura faz da História pode ser circunscrita a dois aspectos: no primeiro caso, a ação da obra se situa no próprio contexto histórico, retomando os valores de determinado momento do passado. Nessa circunstância, tem-se o romance histórico no sentido estrito do termo, bastando lembrar, de passagem, os livros escritos por Walter Scott no século passado, revolucionando as concepções então correntes sobre História, considerada apenas como repositório de fatos desprovidos de fantasia. Num segundo momento, se dá a apropriação da temática histórica, quando, então, o objetivo é uma outra significação, uma verdade de outra natureza. Nesse sentido, o romance que se vale da História tem como fim um outro valor, podendo ser uma filtragem do passado sob a ótica do presente ou, ainda, uma forma de apresentar uma crítica do presente a partir dos fatos passados.

Esse jogo duplo que alimenta a narrativa, caracterizado pela ambigüidade que há entre a realidade concreta e a imaginação, circunstância que o escritor utiliza para a construção dos universos possíveis do homem, é a causa de conflitos entre o mundo e o próprio texto. O modo de representação da realidade passa, assim, a adquirir uma verdade diferente que se ajusta, por conseguinte, a um conhecimento de outra natureza. Cabe, então, ao leitor a tarefa de examinar o significado desse procedimento, na medida em que, passando pela História (aqui entendida como parte constitutiva do romance), o escritor manipula o acontecimento histórico com o fito de transformá-lo em matéria de ficção. Nessa linha de raciocínio, é preciso, também, ver que passagens correspondem à verdade histórica, assim como o modo de tratar esses elementos, porque é só a partir do levantamento dessa realidade que se pode medir com relativa segurança o significado que extrapola a História(1).

III

É absolutamente seguro dizer que o simples registro dos fatos, na sua cronologia, não basta à História. Se isso é verdade, então é preciso entender que a História se utiliza de outros elementos para a realização de seus objetivos, já que, tratando da compreensão dos acontecimentos da vida humana, lhe falta um método para a narração e explicação dessa circunstância. Assim, a História não pode prescindir da Filosofia cujos conceitos são necessários para compreender as relações do homem com o conhecimento, já que os registros da evolução dos acontecimentos, não raras vezes, estiveram baseados num sentido mítico. Os fatos reais, por isso, eram constantemente contagiados pelos mitos e lendas, carregados, portanto, de um caráter sobrenatural. Além do mais, um outro problema se insinua na apreensão da História (como realidade e como conhecimento): como os acontecimentos humanos estão de modo inevitável situados no tempo, a História diz respeito, também ao historiador que a narra, fazendo com que a objetividade, quer da realidade quer do conhecimento, seja passível de discussão, impondo, em consequência, óbices à própria natureza da História.

Se isso ocorre com os fatos históricos que, naturalmente, adquirem valor em face do critério de importância atribuído pelo historiador, também a Literatura se move nesse emaranhado de circunstâncias. Sua realidade também está na História, só que, nesse caso, a preocupação do artista é com a recriação da própria realidade, o que equivale, portanto, à elaboração de uma supra-realidade e, ao contrário da História, registra os acontecimentos de forma metafórica.

Quando o caminho que leva às relações entre História e Literatura se mostra impedido, parece ser necessário ver em que limite as atitudes do historiador e do literato podem ser definidas, na medida em que ambos partem de um relato escrito. A propósito, entende Fábio Lucas que, enquanto o historiador apóia-se no *factum*, o literato toma como referente o *fictum*. Ainda mais: a História registra fatos que não se repetem, ao passo que na Literatura a comunicação que se expressa na cadeia significante dos símbolos escritos pode não só ser revisitada, mas até modificada pelas reações do leitor, ainda que a materialidade de sua expressão se conserve sempre a mesma.

Para o crítico, o que permanece depois que o fato histórico se apaga é a Literatura(2).

IV

A inserção da matéria ficta no processo histórico adquire, em José Saramago, um caráter que ultrapassa o tratamento convencional do assunto, pois o passado, nos romances desse escritor português, funciona através de um discurso que vai de encontro aos fatos históricos. Explica-se: o presente, em nenhum momento, acha-se ausente na obra de Saramago(3); ao contrário, é pela constante ação sobre a História que o discurso recupera o tempo passado com o fim de dar ao homem de hoje a oportunidade de conhecer-se melhor. Como instrumento de revisão, a História, para Saramago, precisa ser corrigida pelo escritor, já que cabe a este "substituir o que foi pelo que poderia ter sido(4)". A uma crítica que poderia ter sido feita à afirmação, antecipa-se o Autor, dizendo que se a leitura histórica, feita pelo romance, chegar a se constituir numa leitura crítica, não do historiador, mas da História, esse fato provocará uma instabilidade causada pela perturbação do que poderia ter sido, talvez tão útil a um entendimento do presente como a demonstração efetiva, provada e comprovada do que de fato ocorreu(5).

É com esse sentimento renovador que se compreende a leitura do texto e é talvez a consciência do momento presente, com todas as suas implicações, que leva o escritor a voltar-se para o passado, retirando de lá as relações com uma consciência viva, porque a obra não está na História, mas na leitura que dela fazemos(6).

V

O primeiro grande romance de José Saramago é *Levantado do chão*, publicado no ano de 1980. O livro, com evidentes filiações à corrente neo-realista portuguesa, apóia-se nos recursos formais e ideológicos desse movimento: o caráter de denúncia de uma atitude social desarmônica, a existência de um conjunto de trabalhadores agrícolas que são fruto dessa anomalia, a concentração da ação

em um só personagem que, de certo modo, tipifica o comportamento do grupo ante a opressão social e geográfica, assim como uma acentuada preocupação, por parte do escritor, na recriação da realidade social.

Esses objetivos, como idéia ampla, perpassam a obra da grande maioria dos escritores portugueses agrupados em torno do neo-realismo, circunstância que, ao longo do tempo, serviu de razão para a polémica em torno do *engajamento* da obra literária, encontrando, em face de um posicionamento favorável ou não à idéia, detratores e defensores.

Ora, se se pode afirmar que o estudo da Literatura, mesmo quando trata de obras literárias no seu sentido mais específico, é sempre um estudo da História, na medida em que as implicações sociais da análise hermenêutica façam parte dos objetivos do texto(7), então é lícito pensar que *Levantado do chão*, embora rigorosamente não traga o rótulo de neo-realista, insere-se nessa linha de produção literária. Acrescente-se que, na sua origem, o romance neo-realista localiza as ações na região alentejana, fazendo desse espaço o ambiente próprio para a expressão dos conflitos envolvendo trabalhadores rurais e donos de capital.

A atitude do escritor em face das circunstâncias sociais é, para José Saramago, o comprometimento da obra literária na evolução do processo histórico. Isso fica claro, no momento em que se percebe que *Levantado do chão*, mesmo repetindo estruturalmente o processo de elaboração formal do romance neo-realista português, dele difere no que diz respeito ao tratamento da questão histórica. Parece que não basta o comprometimento da obra literária e a estetização do combate sistemático entre exploradores e explorados, dicotomia que, de modo maniqueísta, põe de um lado o capitalista como sinônimo do mal e, do outro, o proletário como símbolo de verdade e de justiça. Se o raciocínio está correto, é preciso ver em que medida a obra literária acumula nos textos a experiência histórica não apenas como registro do que ocorreu, mas como um potencial a ser relacionado com a experiência dos leitores atuais(8). Nesse sentido, se a literatura de filiação neo-realista se dispõe a participar do processo de transformação social, o romance de Saramago, sem perder de vista o fato de que *é o homem que se faz e, ao fazer-se, faz a História*, busca justamente reordenar os fatos passados, porque enten-

de que a História, "ao refazer o referencial, procede a omissões, portanto a modificações, estabelecendo assim com os acontecimentos relações que são novos na medida em que incompletos se estabeleceram(9)". Desse modo, na busca do preenchimento dessas lacunas, o romance, para Saramago, seria também expressão dos vários momentos do homem, traduzindo, com isso, a possibilidade de uma compreensão duplicada: a do Homem pelo Fato, a do Fato pelo Homem(10).

Como romance, *Levantado do chão*, rememora o drama do homem alentejano, suas raras ilusões e o permanente sofrimento. Assim, é um livro que repete a homogeneidade de situações denunciadas freqüentemente pela literatura de promoção social do homem que tem sua trajetória iniciada com a obra de Alves Redol. Só que, agora, o escritor, ultrapassando mero decalque de uma realidade conhecida, leva em conta não só as causas que deram origem ao problema social, mas, sobretudo, fundamenta-se nos elementos de caráter histórico que, rigorosamente, vão ser condicionantes do momento vivido pelos personagens que se debatem ante a injustiça e a violência. O enredo encaminha o leitor para o Alentejo de hoje, quando, de fato, o Alentejo recriado por Saramago só pode ser compreendido à luz de sua própria história: a região se constitui de terras doadas pelo rei D. João I a um nobre alemão para serem povoadas. Isso significa que se trata de um Alentejo estigmatizado por um latifúndio que teima em permanecer, apesar das lutas. Surge daí que a família rural cujo tronco inicia com Domingos Mau-Tempo e que, ao longo do livro, se anula socialmente em face das condições econômicas desfavoráveis, é símbolo da impossibilidade e indicação da continuidade da miséria.

É, desse modo, significativa a imagem da violência sexual sofrida pela donzela portuguesa, quinhentos anos antes, do estrangeiro de pele clara e olhos azuis. Durante quatro séculos, a herança genética aparece e reaparece, como um cometa, nos filhos do Alentejo. Se João Mau-Tempo, hoje, possui olhos azuis — o que espanta as pessoas —, isso não significa pertencer a uma linhagem capaz de lhe dar acesso à posse da terra, mas apenas o registro de uma circunstância que o escritor, porque lida com o lado obscuro do passado, recupera como uma forma de consciência da História da qual o alentejano é, hoje, consequência.

Praticamente todos os romances posteriores a *Levantado do chão* apresentam caráter historicizante, bastando lembrar *Memorial do convento*, livro no qual a História aparece de modo explícito, trazendo para o momento presente os acontecimentos que determinaram a construção do Convento de Mafra e sua relação com o tempo de Dom João V o que, de certo modo, implica articular o século XVIII português com o pensamento moderno. Do mesmo modo, *O ano da morte de Ricardo Reis* lida com a questão histórica, só que, nesse livro, o problema é enfocado sob a perspectiva da história literária e, mais do que isso, textual, porque Ricardo Reis é, na obra de Fernando Pessoa, apenas um texto, não correspondendo, absolutamente a uma personagem histórica, circunstância que encaminha o problema para a compreensão de um momento que é, ainda, *histórico*.

Com *A jangada de pedra*, a metáfora da Península Ibérica despreendendo-se da Europa recompõe um pedaço da história de Portugal e da Espanha e parece indicar uma espécie de novo enquadramento cultural desses dois países que, em certo momento histórico, representaram a própria Europa e que hoje, em face de circunstâncias específicas, lutam pela afirmação de sua identidade comum.

É, porém, com *História do cerco de Lisboa* que José Saramago radicaliza as relações entre o passado e o presente, fazendo do romance um meio de compreender não só um tempo que jaz no fundo da memória portuguesa, mas, antes de tudo, efetua um corte nesse tempo, reescrevendo-o de modo a dar-lhe uma nova feição. Partindo do famoso episódio em que o rei Afonso Henriques conquista a cidade de Lisboa, derrotando os mouros no ano de 1147, o Autor reconstrói o fato histórico a partir de uma perspectiva em que, a um só tempo, o leitor vai tomando contato com duas noções temporais: a da narrativa e a da narração. Se o procedimento é usual como recurso de estilo, o fato é que, voltado para duas realidades que, de certo modo, se completam, José Saramago põe em jogo, com *História do cerco de Lisboa*, a legitimidade da História, já que ele reelabora o passado como se procedesse a um gesto de libertação, não só subvertendo-o, mas atualizando-o e fazendo-o circular contemporaneamente.

Quando o revisor Raimundo Silva, no afã de "corrigir" a história real do cerco de Lisboa, por entender que os fatos não se passaram do modo como são narrados, ele revisa, também, o passado das pessoas que dependeram da História, produzindo um texto pela transformação de outro texto. Esse jogo possibilita, por isso, a aproximação paulatina, no decurso de oitocentos anos, da história amorosa de Raimundo e Maria Sara, passagem que se avizinha, num processo de retenção e expansão temporal, do amor vivido pelo soldado Mogueime e por Ouroana no século XII. No momento em que dois tempos se encontram, já não se sabe mais a que época pertence a história de amor, pois a narrativa se funde numa só, indicando que o texto pode ser lido com um novo sentido pela aproximação da verdade histórica e da verdade da ficção, harmonizadas ambas pela narrativa.

VII

Pode-se dizer que a História e a Literatura vivem do texto e que a relação entre ambas, por demais problemática, se situa na idéia de que é em face dessa proximidade que o homem toma conhecimento do que em cada momento do seu tempo ele vai sendo. Tanto o romance quanto a História se valem do tempo para mostrar circunstâncias que, de outro modo, não encontram o devido meio de expressão. É certo, também, que a História se aproxima do romance, o que agrega à ficção uma alta dose de verossimilhança, não sendo raro encontrar situações ficcionadas que se dão num tempo e espaço reais.

Na obra de José Saramago, esses dados aparecem de forma a caracterizar, por um lado, a circunstância de privilegiar a história e a cultura portuguesas; de outro, correspondem a uma intenção de compreender essa história e essa cultura à luz de uma perspectiva mais ampla. Assim a obra de José Saramago, porque recorre, invariavelmente, a episódios do passado português, pode ser vista, pela associação que faz, como a tentativa de recuperação de um tempo perdido que à Literatura compete não só reconstituir, mas refazer, o que significa, portanto, que a Literatura se situa no limite de uma situação que busca dar respostas às angústias e inquietações que envolvem o homem e o seu presente.

BIBLIOGRAFIA

1. FREITAS, Maria Teresa de. *Das relações entre Literatura e História*. In: SOUZA, Eneida M. e PINTO, Júlio C. M. (Organizadores). *Anais. 1ª e 2ª: Simpósios de Literatura comparada*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1987. págs. 608 e 609.
2. LUCAS, Fábio. *Vanguarda, História e Ideologia da Literatura*. São Paulo: Ícone, 1985.
3. SEIXO, Maria Alzira. *A palavra do romance*. Lisboa: Bertrand, 1977.
4. SARAMAGO, José. *José Saramago: viagens através do tempo*. In: *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, (400):17-19, mar 90.
5. Idem, *ibidem*.
6. PICON, Gaetan. *O escritor e sua sombra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
7. MATTENKLOTT, Gert e SCHERPE, Klaus. *Para uma história social da Literatura*. In: BARRENTO, João. (org.) *História literária*. Lisboa: Apáginas tantas, 1986.
8. Idem, *ibidem*.
9. SARAMAGO, José. *José Saramago: viagens através do tempo*. Idem, *ibidem*. p. 19.
10. Idem, *ibidem*.
11. LUCAS, Fábio. *Vanguarda, História e Ideologia da Literatura*. Idem, *ibidem*.